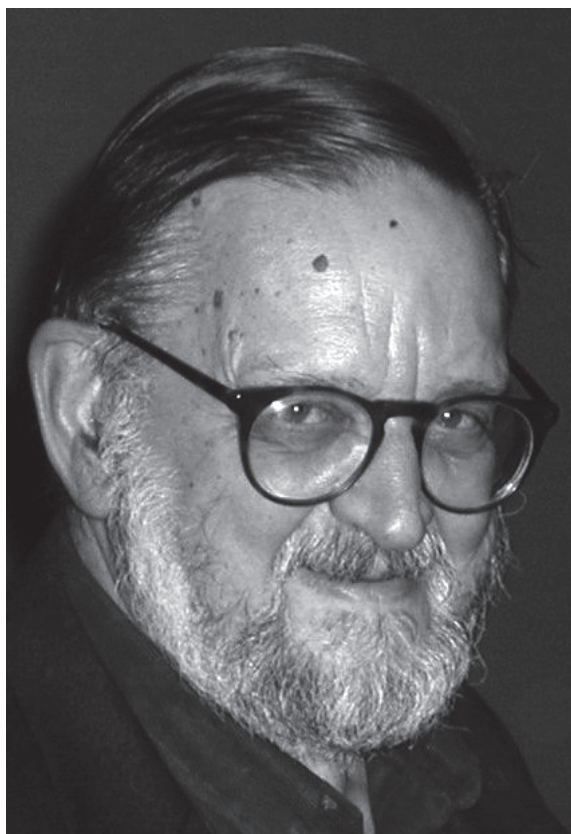


Tributo: “Um companheiro de geração”

Nuno Teotónio Pereira*

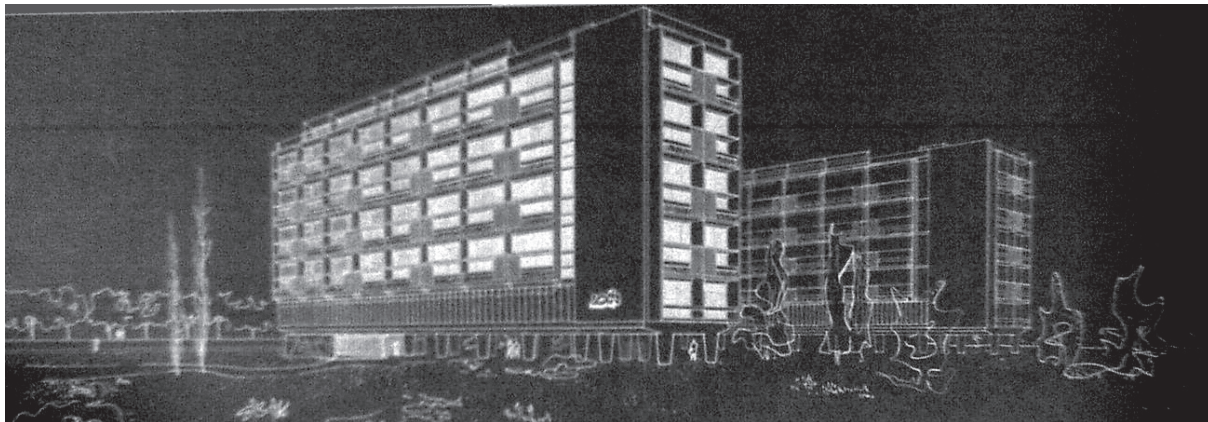
arquitecto

ntp.pvb@gmail.com



Nuno Teotónio Pereira*

*07.05.07 - Testemunho para a revista "A obra nasce"



Conheci Celestino de Castro no histórico 1º Congresso dos Arquitectos em 1948. Ele veio do Porto, integrado na aguerida ODDAM / Organização dos Arquitectos Modernos – que deu um decisivo contributo ao Congresso. Ali apresentou uma comunicação, juntamente com Herculano Neves, em que se denuncia, com inteligência e vigor, a “inutilidade do superficial e falso a acrescentar à obra arquitectónica, pela mentira e arte”, com que a ditadura do Estado Novo queria obrigar a uma pretendida feição nacional. E, nessa mesma comunicação, os autores proclamavam uma máxima de vida que tem marcado todo o percurso profissional e pessoal de Celestino de Castro:

“Luta, luta e mais luta, eis o que sobressai da mecânica da vida. Entremos, pois, na luta.” Foi nessa época que projectou as duas moradias no Porto que constituem marcos pioneiros da arquitectura moderna em Portugal, com a estrutura modular independente das paredes.

Alguns anos mais tarde volto a encontrá-lo no também histórico Inquérito à Arquitectura Popular. Ele, na equipa do Algarve, eu na da Estremadura, partilhando as emoções da descoberta de um património em vias de desaparecer.

Por essa altura, já radicado em Lisboa, continuava a militância no ICAT / Iniciativas Culturais Arte e Técnica, sob a liderança entusiástica de Keil Amaral. As exposições gerais de artes plásticas, instrumentos de oposição ao regime, contaram sempre com a sua colaboração.

Mais tarde, Celestino de Castro dá o seu contributo para a

construção do bairro de Alvalade, integrando uma equipa que projectou um notável conjunto de edifícios na av. dos Estados Unidos da América.

Rejeitando o então dogma da orientação leste/oeste das fachadas, defende-se aí com coragem a orientação a sul, como a mais apropriada para as condições da cidade. Viria a seguir a criação do Gabinete Técnico de Habitação da CML, onde Celestino de Castro, antes do exílio a que foi obrigado pela ditadura, desempenhou funções de relevo naquele que foi um organismo da maior importância nos anos 60 com a construção dos Olivais – empreendimento a que já chamei o sonho colectivo duma geração.

